

FAMÍLIA

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	1
ÍNDICE DE TABELAS	Erro! Indicador não definido.
ÍNDICE DE GRÁFICOS	Erro! Indicador não definido.
RESUMO.....	2
1 INTRODUÇÃO	2
2 CONTEXTO FAMILIAR.....	4
2.1 O QUE É FAMÍLIA ?	5
2.2 FAMÍLIAS ALTERNATIVAS	7
2.3 CONTEXTO FAMILIAR E APRENDIZADO EMOCIONAL.....	8
2.4 FATORES EMOCIONAIS.....	9
2.5 INFLUÊNCIAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	12
3 O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO LIBIDINAL DA CRIANÇA	18
4 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO.....	20
5 INTERFERÊNCIAS DOS PROBLEMAS FAMILIARES X APRENDIZAGEM.....	23
6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	25
7 CONCLUSÃO.....	29
ANEXOS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	1

RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi elaborado por se acreditar na família e que a sua estrutura e o ambiente em que o aluno está inserido, possa ser um dos fatores que compromete a atenção e o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Levando-se em conta a estrutura familiar, social e as relações estabelecidas entre si e o meio e a forma com que estas relações são feitas, o fator emocional deve ser analisado. Necessário se faz demonstrar o que o aluno que convive com turbulência no dia-a-dia do seu lar, chega ao C.M.E.I., tem potencial cognitivo e social para a aprendizagem e no entanto percebe-se que o seu pensamento está intimamente ligado ao ambiente familiar e as suas emoções o impossibilita dispensar atenção ao conteúdo e a fala do professor. A família, é sem dúvida, uma comunidade de vida, de amor, de acolhimento e os valores adquiridos em casa terão reflexos em todas as instâncias da sociedade e em particular na escola.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem pode ser entendida como uma mudança relativamente duradoura no comportamento e esta não advém somente da experiência. Os processos de aprendizagem são influenciados pelo cansaço, motivação, as emoções e a maturação. A família e a cultura desempenham um papel fundamental na aprendizagem, pois elas vão delinear os padrões básicos das reações emocionais e do comportamento da criança e do futuro adulto.

A aprendizagem, portanto, já se verifica antes da criança entrar na escola e ela detém conceitos próprios a respeito do mundo. A criança aprende também com a família, com os meios de comunicação, pessoas do seu convívio e com a escola. Porém, a escola é responsável pela educação formal e sistemática de crianças, jovens e adultos, onde o indivíduo entrará em contato com um sistema de concepções científicas acerca do mundo. Na escola a criança irá aprender de modo diverso daquele a que estava acostumada, ou seja, através da experiência. Neste novo contexto ela aprenderá a partir da organização de situações que irão propiciar o aprimoramento dos processos de pensamento e da capacidade de aprendizagem. Uma das funções mentais necessárias ao aprendizado escolar é a atenção. A atenção é a quantidade de esforço exercido para focalizar certas porções de uma experiência, é a capacidade para manter o foco em uma atividade. O déficit de atenção prejudica o aprendizado e o desempenho escolar.

A falta de atenção pode estar relacionada a fatores emocionais advindos de uma situação familiar desestruturada. Desta forma emoções como ansiedade, medo, agitação, tensão, pânico, apatia, ambivalência, vergonha e culpa,

funcionam como um agente que desfocaliza a atenção da criança que deveria estar voltada para a aprendizagem.

A questão se complica quando os profissionais da educação se apresentam totalmente alheios e não educados para a realidade atual. Além da falta de domínio dos conteúdos a serem ensinados ou da pedagogia adequada, falta-lhes a capacidade de perceber essas transformações históricas que vem ocorrendo no relacionamento educando x educador, e nas interações que influenciam o aprendizado, como a vida familiar da criança. Falta-lhes conhecimento do desenvolvimento humano e psicológico de seus alunos. E por fim suas práticas pedagógicas são pobres de métodos que propiciem a interação e a construção do conhecimento no respeito mútuo.

DAVIDOFF descreve como se dá o desenvolvimento do ser humano desde a concepção e a importância dos relacionamentos dos primeiros meses de vida e da primeira infância na formação da personalidade e da socialização futura do indivíduo. Para ela a base de um relacionamento sadio entre mãe e filho está na intensidade de afeto que a mãe dispensa à criança na amamentação e nos cuidados na satisfação de suas necessidades fisiológicas. A qualidade das interações sociais da criança estrutura a personalidade do indivíduo de algumas formas importantes. Falando de frustrações, conflitos e outras tensões a autora chama a atenção dos adultos que convivem com a criança e o adolescente para sua responsabilidade em apoiar, orientar, e acompanhá-los para que possam superá-los, evitando assim o desenvolvimento de uma personalidade agressiva e desajustada. (1983, p. 552-560).

DAVIDOFF (1983, p. 570) vai mais além ao dizer que, pais maduros ou seguros envolvem os filhos em tomada de decisão e assuntos da família. Apresentam razões para o que solicitam e proporcionam experiências graduais apropriadas para a afirmação da independência. Ainda assim, retêm a responsabilidade final. Os filhos dos pais maduros tendem a ser autoconfiantes, independentes, altos em auto-estima e em bons termos com suas famílias. Os pais autoritários preferem táticas primitivas, duras quando surgem conflitos. Insistem em obediência. No outro extremo, os pais *laissez faire* são totalmente igualitários. Todos os membros da família estão essencialmente livres para fazerem o que quiserem. Raramente estes pais tomam decisões ou aceitam responsabilidades. Os adolescentes filhos de pais autoritários e do tipo *laissez faire* tendem especialmente a ter problemas de ajustamento.

O tema do trabalho “A falta de atenção na escola como consequência da vida familiar desestruturada” foi desenvolvido em duas partes distintas: pesquisa bibliográfica e uma parte prática.

A pesquisa de campo foi realizada num C.M.E.I. (1) localizado na periferia do município XXX, que atende crianças de 4 meses a 7 anos do ensino infantil. O C.M.E.I. tem crianças da classe sócio-econômica baixa e percebeu-se que o problema da desestrutura familiar poderia estar aliado à falta de atenção na

escola o que, provavelmente, estaria acentuando as dificuldades de aprendizagem em decorrência das experiências de vida e do cotidiano dessas crianças.

(1) C.M.E.I. Centro Municipal de Educação Infantil

Devido ao grande número de crianças inscritas no C.M.E.I., que apresentavam dificuldades de aprendizagem e indisciplina, sem manifestar um histórico comprometedor que justificasse tais dificuldades, foi-se em busca de uma resposta.

Levantou-se a hipótese de interferências familiares que justificassem esse quadro, questionando-se: Até que ponto dificuldades emocionais decorrentes de desarmonia familiar interferem na atenção, indisciplina e no processo de ensino-aprendizagem?

A metodologia utilizada na pesquisa consistiu, além das referências bibliográficas, do instrumento de entrevista com alunos, constituindo-se uma amostragem probabilística por acessibilidade de 30 alunos, encaminhados pelos professores à direção Do C.M.E.I. (o C.M.E.I. não conta com o Serviço de Orientação Educacional) e que apresentavam como aspecto comum a desestrutura familiar.

A pesquisa foi embasada por um referencial teórico que procurou investigar a importância da estrutura familiar e sua relação com a escola e a sociedade, bem como os aspectos emocionais da criança e sua interferência nos processos de aprendizagem, particularmente no déficit de atenção. Procurou-se verificar na amostragem estudada quais seriam os principais problemas encontrados na vida familiar destas crianças que apresentavam dificuldade de aprendizagem em virtude da falta de atenção nas aulas.

2 CONTEXTO FAMILIAR

O homem é um ser social, ele precisa viver com os outros homens para desenvolver suas necessidades básicas, como o trabalho, a criatividade, o amor, por isso ele se juntou em comunidade. As comunidades são uma reunião de pessoas que têm interesses comuns, ou seja, interesses iguais.

Família é o núcleo de pessoas aparentadas que têm laços de sangue e que se apoiam no sentido de manter o núcleo permanentemente em comunhão.

Na família há uma série de expectativas sociais em relação a ela: é preciso que ela socialize as crianças, tornando-as capazes de viver junto aos outros seres humanos.

A instituição família tem passado, ao longo da história da humanidade por crises muito sérias. As formas de famílias são extremamente variáveis. E mais variáveis do que nosso próprio país, são as formas de família de outros países do mundo.

A família, além de reproduzir novos seres humanos, tenta produzir neles os seus hábitos, costumes e valores através de gerações.

A família sempre foi a célula-máter de uma sociedade ou refúgio das atribuições do mundo. Também a religião impõe normas às famílias. Todo o comportamento de uma família, no sentido moral é controlado pela religião em que ela acredita. Em troca, a religião é sustentada pela família, fazendo com que as crenças e práticas morais subsistam por séculos e levando as pessoas a uma aceitação de punições impostas.

O prestígio social dos indivíduos, na família tradicional, de seu comportamento diante de sua fé (igreja), de seu comportamento em relação à família e de sua origem. Durante anos, a família conduziu-se como uma barreira diante de inovações e de formas novas de ligação homem-mulher-filhos.

Os vínculos familiares representam uma segurança afetiva e material sem a qual não se consegue viver.

2.1 O QUE É FAMÍLIA ?

A história da humanidade, assim como os estudos antropológicos sobre os povos e culturas distantes de nós, (no espaço e no tempo), esclarece-nos sobre o que é família, como existiu e existe. Mostra-nos como foram e são hoje ainda variadas as formas sob as quais as famílias evoluem, se modificam, assim como são diversas as concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos de uma sociedade dada.

“Família” no sentido popular, significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas do mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.

Sabe-se o que é uma família já que todos já foram parte integrante de alguma família. É uma entidade por assim dizer óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais exatamente o conceito que a engloba.

A maioria das pessoas, por isso, quando aborda questões familiares, refere-se espontaneamente a uma realidade bem próxima, partindo do conhecimento da própria família, realidade que crêem semelhante para todos, e daí acabarem generalizando ao falar das famílias em abstrato.

Os tipos de famílias variam muito, embora a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias é a família composta de pai, mãe e filhos, chamada família “nuclear”, “normal”.

Este é o modelo que desde criança se vê em livros escolares, nos filmes, na televisão, mesmo que no seio familiar se verifique um esquema diverso.

As famílias, apesar de todos os seus momentos de crise e evolução, manifestam até hoje uma grande capacidade de sobrevivência e adaptação, uma vez que ela subsiste sob múltiplas formas.

Examinando-se o contexto histórico evidencia-se o fato de não ter ocorrido nenhuma sociedade que tenha vivido à margem de alguma noção de família. De alguma forma de relação institucional entre pessoas do mesmo sangue. Nem mesmo nas sociedades que tenham novas experiências, como a China com o questionamento da família tradicional, ou Israel com os Kibutzim, onde as mulheres saem para trabalhar e as crianças vivem em comunidades. Nem nessas sociedades desapareceu a noção básica de família. Se generalizando desta forma torna-se difícil definir o que entende-se por “família”, não é difícil indicar o que seria a “não família”.

Entre o indivíduo e o conjunto da sociedade existem vários grupos profissionais de identidade, ideológicos, religiosos, raciais, educacionais, etc. Estes não englobam os indivíduos enquanto indivíduos, em toda a sua história de vida pessoal. Não incluem necessariamente, como na família, os recém-nascidos e os anciãos, o deficiente e o “normal”. São grupos delimitados e temporários, no tempo e no espaço, com objetivos definidos.

A natureza das relações dentro de uma família vai se modificando através do tempo. O aspecto mais problemático da evolução da família está, sem dúvida alguma, ligado ao questionamento da posição das crianças como “propriedade” dos pais e à posição econômica das mulheres dentro da família. Inclui-se aí o questionamento da distribuição dos papéis ditos especificamente masculinos e femininos, e esse é um problema chave para o surgimento de uma nova estrutura social.

Não se poderá mudar a instituição familiar sem que toda a sociedade mude também. Pode-se afirmar ainda que qualquer modificação na organização familiar implicará também uma modificação dos rígidos papéis de esposa, mãe ou prostituta, os únicos atribuídos às mulheres. Quanto às crianças, há algum tempo já o Estado intervém entre os pais e filhos, e desde a pouco os pais são passíveis de denúncias pelos vizinhos, caso punam fisicamente seus filhos.

Através da escola, do controle sobre os meios de comunicação, de médicos e psicólogos, o poder dominante de cada sociedade mais ou menos sutilmente impõe normas educacionais, sendo difícil aos familiares contrariá-las. De uma maneira geral, cabe ainda aos pais grande parcela de poder de decisão sobre seus filhos menores. Parcela essa cada vez mais contestada. A esse poder equivalem, por parte dos filhos, direitos legais em relação aos seus pais, em particular no sistema capitalista. Direitos à assistência, educação, manutenção e participação em seus bens e proventos.

Cada família varia a sua composição durante sua trajetória vital e diversos tipos de família podem coexistir numa mesma época e local. Por exemplo:

casais que viveram numa família extensa, com mais de duas gerações dentro de casa, tornaram-se nucleares pela morte dos membros mais velhos e, quando os filhos saem de casa, voltam a viver como uma família conjugal (somente um casal). Paralelamente, podem existir famílias naturais em virtude de fatores diversos, isto é, mulheres que não quiseram ou não puderam viver com um homem do qual tiveram um filho. Ainda neste caso, a história individual pode levar essa mulher a casar-se num outro momento e compor uma família nuclear.

Uma mãe com filhos sem designação de um pai não constitui uma “família”, mas sim uma “família natural”, ou “incompleta”, na classificação de sociólogos e demógrafos.

Há ainda os fatores culturais que determinam o predomínio de um tipo de família nuclear, como é o caso hoje em dia, por ser esse o modelo veiculado por determinada cultura, coexistindo com várias famílias que por fatores sócio-econômicos apresentam grande variedade em sua estrutura.

A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.

A família como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo, de apoio e solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, usos e costumes, que implicam formas e finalidades rígidas. Torna-se, muitas vezes, elemento de coação social, geradora de conflitos e ambigüidades.

É freqüente ter-se melhores relações com pessoas de fora do círculo familiar, em virtude dos contatos diários com estes, mais do que com os parentes, aos quais se reservam telefonemas ou visitas esporádicas ou formais. A relação familiar, neste contexto, se mantém, mas seu conteúdo afetivo se empobrece.

Assim, uma divergência em relação à escolha de um cônjuge pode afastar por longos períodos membros muito unidos de um grupo familiar, o que não os impede de estar presentes na memória histórica dos componentes aliados ou opostos a suas atitudes, ou de se encontrarem todos em reuniões comemorativas, eventos familiares, etc. Os critérios “lealdade” para com a família de origem ou a de reprodução muitas vezes são também conflitantes.

Como dizem os termos, família de origem é aquela de nossos pais, família de reprodução é aquela formada pela união de um indivíduo com outro adulto e os filhos dela decorrentes.

2.2 FAMÍLIAS ALTERNATIVAS

Atualmente há diversas experiências substitutivas da família. Entre outras, as “comunidades”, que correspondam a tentativas para resolver os problemas enfrentados pela redução das famílias contemporâneas, por sua

mobilidade, por suas dificuldades em geral, em se relacionarem com outras de modo estável.

Vale a pena uma reflexão acerca destas experiências. Tratam-se de fenômenos sociais cuja extrema variedade impede que sejam assimilados às outras formas de família. Pode-se dizer que uma comunidade nasce da união de alguns indivíduos adultos decididos a viver num grupo social auto-suficiente. Entre as inúmeras razões que levam a essa escolha, existe a tentativa de reencontrar um tipo de relação existente ou idealizado através da família extensa, educando coletivamente as crianças e integrando os deficientes de qualquer idade. Ou seja, a recusa do isolamento em que vive a família nuclear.

Há também uma origem mística ou religiosa, nessas comunidades, em particular naquelas que se formam em tempos remotos.

No mundo contemporâneo, notam-se certas motivações de caráter político ou ideológico, que se impõem como uma tentativa revolucionária de recusa aos sistemas sócio-econômicos e morais em vigência, assim como às formas de produção e ao consumo.

Mais recentemente, pode-se ressaltar os casos das comunidades “hippies”, sobre as quais os meios de comunicação divulgaram somente aspectos pejorativos. As comunidades variam muito em sua composição e regras de vida. Em algumas, mantém-se a monogamia, como forma de ligação entre os casais/membros. Em outras, há experiências de amor livre ou de “monogamias sucessivas” entre todos os elementos do grupo, inclusive entre pessoas do mesmo sexo.

As formas de relacionamento sexual diverso da fidelidade tradicional constituem uma aventura difícil, pois as relações afetivas entre os indivíduos se intensificam, e em nossa cultura, fomos condicionados a um agudo senso de propriedade em relação aos nossos parceiros sexuais.

Além disso, os membros de algumas dessas comunidades são obrigados a viver clandestinamente na maioria dos países (disfarçando o fato de não viverem como casais estabelecidos), pois são passíveis de vários delitos segundo o Direito vigente. A repressão se torna particularmente grave com a presença de crianças, que por motivos ideológicos não freqüentam o sistema escolar institucional, e quando as infrações aos costumes locais forem muito drásticas. Assim, nos casos de vínculos homossexuais, da prática de amor livre por parte de menores, etc.

Em termos econômicos, ora cada indivíduo tem suas próprias fontes de subsistência, ora dedicam-se coletivamente a atividades cooperativas, como agricultura, artesanato e outros.

2.3 CONTEXTO FAMILIAR E APRENDIZADO EMOCIONAL

O sorriso é parte das interações lúdicas que se estabelecem entre a mãe e o bebê. Os dois se comunicam através do olhar, do sorriso e da voz e do alinhamento do rosto e o bebê espelha o comportamento da mãe. Cada dupla desenvolve um tipo peculiar de código. As compreensões compartilhadas que se constroem entre o bebê e as suas figuras de apego, são a base para todas as interações posteriores.

Por exemplo, filhos de mães depressivas, em comparação com aqueles de mães não-depressivas, apresentam ritmo cardíaco mais elevado e maiores taxas de cortisol, indicando ativação simpática e estresse. Do ponto de vista comportamental, também se observa diferenças. As crianças, por exemplo, dirigem às mães menos olhares, expressões faciais e vocalizações. Além disso, mostram-se menos responsivos com estranhos.

Quando se utiliza o procedimento de quebra de comunicação após um período de interação, os bebês filhos de mães normais ficam muito mais perturbados que aqueles de mães depressivas. Aparentemente, os últimos se acostumaram com este padrão.

A família é um contexto importante em que as crianças aprendem sobre emoções. A expressividade e a disponibilidade emocional das figuras de apego podem ter implicações importantes para o desenvolvimento. Crescer numa família expressiva pode promover compreensão emocional e social, o que, por sua vez, pode se refletir em maior competência no relacionamento posterior com companheiros.

2.4 FATORES EMOCIONAIS

A emoção pode ser definida como uma seqüência complexa de reações a um estímulo. Inclui avaliações cognitivas, alterações subjetivas, ativação autonômica e neural, impulsos para a ação e comportamento destinado a ter um efeito sobre o estímulo que iniciou a seqüência comportamental. Por exemplo, o medo e as reações de fuga associadas separam o indivíduo de uma fonte de perigo. A tristeza, o choro, as expressões faciais associadas e uma postura característica (o corpo fica encolhido, fazendo o indivíduo parecer menor e mais fraco) promovem reações suportativas por parte dos outros membros do grupo.

Utilizam-se vários tipos de linguagens para falar sobre emoção, dependendo dos indicadores focalizados: a) uma linguagem subjetiva, que utiliza termos como medo, raiva; b) uma linguagem comportamental, que inclui termos como fugir, morder; c) uma linguagem funcional, que descreve as reações provocadas no ambiente.

O desencadear dos processos emocionais aproxima-se do conceito e do mecanismo do estresse.

Derivada da palavra inglesa *stress*, o termo era originalmente empregado em física, no sentido de traduzir o grau de deformidade sofrido por um

material quando submetido a um esforço ou tensão. Em 1936 Hans Selye introduziu a expressão no jargão médico e biológico, expressando o esforço de adaptação dos mamíferos para enfrentar situações que o organismo perceba como ameaçadoras a sua vida e a seu equilíbrio interior.

Os seres vivos procuram manter um estado de equilíbrio interior chamado por Cannon de homeostase. Qualquer modificação percebida pelo organismo que venha a ameaçar tal equilíbrio desencadeia toda uma situação de alarme e preparação para fazer face ao perigo.

À percepção dessa ameaça, o cérebro emite ordens para a mobilização de defesas e o sistema simpático é ativado, com a consequente descarga de catecolaminas no sangue. Ocorre, então uma “reação geral de alarme”, toda a tensão gerada no organismo encontrará um desaguadouro na utilização de seus músculos, isto é, na realização de algum tipo de atividade física, fuga ou enfrentamento. Em qualquer uma das duas hipóteses ele terá utilizado os músculos que obedecem a sua vontade. Uma das características do estresse é ser uniforme e inespecífico. Isto é, a preparação do organismo será idêntica para qualquer tipo de ameaça ou agressão, independente da natureza ou do grau de perigo que represente. Na verdade, a ocorrência do estresse não requer necessariamente que haja perigo real mas apenas uma súbita mudança, ou ameaça de mudança, no estado de equilíbrio. Desse modo, até uma boa notícia pode ser causa de estresse.

No caso dos seres humanos, o processo de estresse é basicamente o mesmo verificado em outros animais, com duas grandes diferenças: em primeiro lugar, as ameaças do mundo externo ao “eu” do indivíduo são de múltiplas origens e em sua percepção há um forte componente subjetivo. Em segundo lugar, e não menos importante, a descarga da tensão gerada pela sensação de perigo ocorre principalmente sobre a musculatura lisa. Ou seja, diante da situação de agressão ou fuga frente a um perigo, a descarga da tensão se dará em órgãos como o estômago, intestinos, artérias, coração, etc. Assim as situações estressantes tendem a ter um potencial nocivo como causadores de doenças dependendo do tipo e da intensidade do estresse, mas sobretudo dependerá da repetição e duração ao longo da vida e da forma como cada indivíduo lidará com estas situações.

As emoções (medo, ira ou amor e suas correlatas) são encaradas por nosso organismo como uma situação anormal, de desequilíbrio e, portanto, “estressante”. Verifica-se assim toda uma agitação interna, toda a preparação do corpo para a sua descarga (SNA e suas ligações com o sistema endócrino). Quando essa preparação não tem a descarga natural nos movimentos dos músculos voluntários, ela se descarregará sobre aqueles que são involuntários.

As emoções são impulsos para o agir, planos instantâneos para lidar com a vida. A força das emoções é ressaltada no relato de um fato real em que o pai, tomado pelo medo e pela ira, atira na filha, que se escondeu no armário.

Na ira, o sangue vai para as mãos, estimulando a pessoa a bater, atirar. Os batimentos cardíacos aceleram, os hormônios (como a adrenalina) aumentam, gerando ação vigorosa.

Na ocorrência do medo, os centros emocionais disparam hormônios, o sangue vai para os músculos do esqueleto, impulsionando-o a correr, fugir. Muitas vezes, o corpo imobiliza-se.

A felicidade inibe os sentimentos negativos, silencia os pensamentos de preocupação. Neste estado emocional não se observa qualquer mudança particular na fisiologia. A pessoa experimenta a tranquilidade, o repouso, o entusiasmo e mostra disposição para tarefas imediatas, para marchar rumo às metas.

O amor se exprime através de sentimentos afetuosos, de relaxamento, calma e satisfação, facilitando especialmente a cooperação.

A surpresa é um estado emocional que permite ver mais, aumentando a quantidade de luz na retina. Assim, a pessoa pode perceber mais o que acontece, conceber melhor um plano de ação.

A tristeza reduz a velocidade metabólica, gerando queda de energia, de entusiasmo. Ela contribui para que a pessoa se ajuste diante de uma perda significativa ou das decepções.

A emoção negativa esmaga a atenção e a concentração, afetando a capacidade cognitiva. Por isso alunos ansiosos, zangados ou deprimidos não aprendem. Da mesma forma a preocupação baixa o rendimento.

Existe um ponto ideal de relacionamento entre ansiedade e desempenho. Ansiedade a menos trás apatia e pouca motivação e ansiedade demais impede o sair-se bem. A branda euforia - "hipomania", parece estimular a criatividade e o pensamento. O humor ajuda a pensar grande, a tomar decisões e o otimismo protege da apatia, permite aprender com o fracasso.

A repressão das emoções configura-se altamente maléfica para a saúde do organismo. A maneira como os pais tratam os filhos tem consequências profundas e duradouras. Pais inábeis, que ignoram ou mostram desprezo pelos sentimentos dos filhos, não estabelecem limites, sendo demasiado "laissez- faire". Alguns praticam os maus tratos, extinguindo no filho a empatia, gerando frieza de sentimento, brutalidade. Os pais emocionalmente aptos ensinam a empatia, geram confiança à medida em que mostram autodomínio e controle emocional. Pais com alta inteligência emocional são mais eficientes na ajuda aos filhos, comportando-se de forma menos tensa, sendo sociáveis e simpáticos. Os filhos mostram confiança, curiosidade, prazer em aprender. Compreendem limites, são cooperativos e têm maior capacidade de comunicar-se.

A criança inserida em um contexto familiar desestruturado tem um aumento significativo em seu nível de estresse o que acarreta no aparecimento das

mais variadas formas de emoções de acordo com a maneira própria de cada um reagir aos estímulos estressantes:

1. Ansiedade: sentimento de apreensão provocado pela antecipação de um perigo, interno ou externo;
2. Ansiedade livremente flutuante: medo não focalizado e difuso, sem relação com qualquer idéia;
3. Medo: ansiedade provocada por um perigo realística e conscientemente reconhecido;
4. Agitação: ansiedade associada com grave inquietação motora;
5. Tensão: aumento desagradável da atividade motora ou psicológica;
6. Pânico: ataque intenso, agudo e episódico de ansiedade, associado com sentimentos sufocantes de medo e descarga autônoma;
7. Apatia: tom emocional sombrio, associado com desapego ou indiferença;
8. Ambivalência: coexistência simultânea de dois impulsos opostos em relação à mesma coisa, na mesma pessoa;
9. Abreação: liberação ou descarga emocional após recordação de uma experiência dolorosa;
10. Vergonha: fracasso em satisfazer as próprias expectativas;
11. Culpa: emoção secundária a fazer algo que é percebido como errado.

2.5 INFLUÊNCIAS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A consciência da pessoa é um sedimento ou um representante das primeiras relações da criança com os pais. A criança internaliza seus pais, colocando-os dentro de si mesma, então eles se tornam uma parte diferenciada do ego, o superego, um setor que apresenta, junto à parte restante do ego, certas exigências e reprimendas que se colocam em oposição aos impulsos instintivos da criança.

Freud demonstrou que o funcionamento desse superego não se limita ao psiquismo consciente, não é somente o que se entende por consciência, mas que também exerce uma influência inconsciente e amiúde muito opressiva, que constitui importante fator tanto na doença mental, como no desenvolvimento da personalidade normal e aí se inclui a aprendizagem. O superego da criança não coincide com o quadro apresentado por seus verdadeiros pais, mas é criado de quadros imaginários, ou “imagos”, deles que incorporou a si. Assim, as relações da criança frente aos pais como um casal e o modo como as figuras parentais foram apercebidas por ela podem influenciar as atitudes da criança para com os pais e os outros membros da família, e escola e colegas.

No adulto, o superego alcançou já sua independência e não é acessível a influências do mundo exterior. Na criança ocorre o contrário, o superego se encontra a serviço de seus inspiradores, os pais e educadores, ajustando-se a suas exigências e seguindo todas as flutuações da relação com a pessoa amada e todas as modificações de suas próprias opiniões.

Melanie Klein, defende a teoria de que a capacidade de transferência é espontânea na criança e que deve ser interpretada, tanto a positiva quanto a negativa, desde o primeiro momento, não devendo o analista tomar o papel do educador. Pensa que a ansiedade da criança é muito intensa e que é a pressão dessas ansiedades primárias que põe em funcionamento a compulsão à repetição, mecanismo estruturado por Freud na dinâmica da transferência e no impulso a brincar. Conduz a criança à simbolizações e personificações, nas quais reedita suas primeiras relações de objeto, a formação do superego e a adaptação à realidade, que se expressam em seus desenhos, jogos, etc. , e podem ser interpretados.

A substituição do objeto originário, cuja perda é temida e lamentada potencializa o desenvolvimento mental saudável da criança.

A técnica do brinquedo demonstra que quando os instintos agressivos da criança se encontram em seu apogeu, a criança não se cansa de rasgar, cortar, quebrar e queimar toda espécie de coisas, como papel, fósforo, caixas, brinquedos, tudo aquilo que representa seus pais, irmãos e irmãs e o corpo e o seio da mãe, e que esta fúria destruidora se alterna com crises de ansiedade e um sentimento de culpa. Melanie Klein descreve que, no curso de uma análise, a ansiedade da criança pode ir diminuindo lentamente e suas tendências construtivas começam a predominar. Quando no decorrer da análise começam a surgir tendências construtivas mais enérgicas, sob todas as formas possíveis, em seus jogos e sublimações, quando pinta ou escreve ou desenha coisas, em vez de manchar tudo com cinzas, ele demonstra mudanças em suas relações com os pais ou irmãos, e essas mudanças assinalam o início de uma relação de objeto melhorada em geral e um aumento do sentimento social. A análise das camadas mais profundas do superego conduz invariavelmente a uma considerável melhoria nas relações de objeto da criança em sua capacidade para a sublimação e em seus potenciais de adaptação social e escolar, melhorias que vão tornar a criança mais feliz e sadia e mais capacitada a desenvolver sentimentos sociais e éticos.

A partir da visão de Melanie Klein o ser humano conhece o desejo de saciar uma necessidade pela primeira vez quando tenta aplacar a sua fome. O bebê espera que todos os seus desejos sejam satisfeitos. Para Melanie Klein o bebê adquire o conhecimento de sua dependência quando percebe que nem todos os seus desejos podem ser satisfeitos. A dependência é perigosa, pois a partir do seu reconhecimento aparece a possibilidade de privação.

Todos os seres humanos passam por esta experiência de privação, o reconhecimento da não-existência de algo, de uma perda essencial. A experiência de privação acarreta um conhecimento do amor (sob a forma de desejo) e um reconhecimento da dependência (sob a forma de necessidade), ao mesmo tempo que ligados a sentimentos e sensações incontroláveis de dor e ameaça de destruição interna e externa. O mundo do bebê está fora de controle; uma greve ou um terremoto ocorreram nesse mundo, porque ela ama e deseja, e esse amor pode trazer consigo sofrimento e devastação. E no entanto, ele é incapaz de controlar ou

de erradicar o seu desejo ou o seu ódio, ou ainda os seus esforços no sentido de apreender e conquistar, e a crise em seu conjunto destrói o seu bem-estar. A reação imediata a esse penoso estado de coisas é que ele tenta reconquistar, e portanto também preservar, algo da bem-aventurada segurança de que desfrutava antes que sentisse a falta e que impulsos de destruição surgissem. Assim se desenvolve em nós a profunda necessidade de segurança e proteção contra esses tremendos riscos e intoleráveis experiências de privação, insegurança e agressão, internos e externos.

Sentimentos manifestados por adultos, tais como, ódio, agressividade, inveja, ciúme e a voracidade, são todos derivativos dessa experiência original como da necessidade de superá-la, para que sobrevivam e possam retirar da vida algum prazer. Isto significa que, por mais totalmente agressivas e odiosas que tais emoções se possam apresentar na vida adulta, elas são de fato até certo ponto modificações e ajustamentos inconscientes de formas ainda mais simples e rudimentares desses sentimentos.

Uma boa relação humana entre a criança e a mãe na época em que conflitos básicos envolvendo o binômio gratificação-privação ocorrem são fundamentais para o desenvolvimento sadio do indivíduo. Quando a perda do objeto bom, no caso o seio bom quando do desmame, é atenuada e reduz o medo da punição a criança consegue manter a confiança no objeto bom internalizado dentro de si. Apesar da frustração ela conseguirá, no futuro, ter uma boa relação com a mãe estabelecendo relações prazerosas com outras figuras além do círculo familiar, obtendo satisfações que substituirão aquela que é tão importante, que está na eminência de perder quando do desmame.

A vida emocional do indivíduo sofre a influência das suas experiências infantis mais primitivas. Os sentimentos e as fantasias infantis marcam a mente da criança permanecendo armazenadas no inconsciente do indivíduo adulto.

Outro ponto importante para reflexão é o que concerne ao sentimento de dependência do organismo humano em relação ao meio. A dependência é encarada como perigosa por acarretar a possibilidade de privação. Pode surgir um desejo de auto-suficiência individual exacerbado levando o indivíduo a ilusão de uma liberdade independente como um prazer por si mesma. O indivíduo renuncia a nutrição emocional de um relacionamento total por temer o reconhecimento de dependência do outro (necessidade) e a consciência do amor (sob a forma de desejo), ligados a esses sentimentos o indivíduo experimentará também as sensações incontroláveis de dor e de ameaça de destruição vindos de dentro e de fora. A satisfação das nossas necessidades de autopreservação e a gratificação do nosso desejo de amor estão sempre ligadas entre si, pois ambas derivam originalmente da mesma fonte. Quem nos fornecia segurança era, antes de mais nada, a nossa mãe, que não só aplacava nossas ânsias de fome, mas também satisfazia nossas carências emocionais e aliviava a ansiedade. A segurança obtida com a satisfação das nossas necessidades básicas, portanto, está ligada a segurança emocional, e ambas se tornam ainda mais importantes como

contraposição ao medo arcaico de perder a mãe amada. Ter o nosso sustento garantido, na mente inconsciente, também implica a garantia de não sermos privados de amor e de não perdermos a mãe.

Aquilo que a pessoa é, depende do ponto que atingiu em seu desenvolvimento emocional, ou da extensão das oportunidades que obteve na época do crescimento relacionado aos estágios iniciais da relação objetal.

Cada pessoa tem um self educado ou socializado, e também um self pessoal privado, que só aparece na intimidade. Isso é comum e pode ser considerado normal. Essa divisão do self é uma aquisição saudável do crescimento pessoal; na doença, a divisão é uma questão de cisão na mente, que pode chegar a variar em profundidade; a mais profunda é chamada esquizofrenia.

A destrutividade compulsiva que pode aparecer em qualquer lugar, mas que é um problema especial na adolescência e uma característica comum da tendência anti-social. Ainda que a destrutividade seja compulsiva, é mais honesta do que a construtividade não alicerçada no sentimento de culpa, que surge da aceitação dos impulsos destrutivos dirigidos ao objeto sentido como bom.

A mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo. Ela o inicia no uso criativo do mundo. Quando isso falha, a criança perde contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança alcança o objeto - por exemplo, o rouba. É um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo, sem saber por quê.

Um distúrbio que não tenha causa física e que seja, em consequência, psicológico, representa um obstáculo no desenvolvimento emocional do indivíduo, ou seja, um distúrbio psicológico significa imaturidade, imaturidade do crescimento emocional do indivíduo, e esse crescimento inclui a evolução da capacidade do indivíduo de se relacionar com pessoas e com o ambiente de modo geral e de desenvolver suas potencialidades cognitivas, o que afeta diretamente o processo de aprendizagem.

Em pessoas normais, a camada entre o consciente e o inconsciente é preenchida por aspirações culturais. A vida cultural de um delinquente, por exemplo, é notoriamente escassa, pois para ele não há liberdade, exceto na fuga para o sonho não-lembrado, ou para a realidade. Qualquer tentativa de explorar a área intermediária não conduz nem à arte nem tampouco a religião ou ao brincar, mas neste caso, ao comportamento anti-social compulsivo. Para o indivíduo, tal comportamento é inerentemente não-compensador; para a sociedade, danoso.

Bons pais criam um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma razão básica de cuidados à criança e mantendo portanto um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu self) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo.

Ao se lançar um olhar para a sociedade em termos da doença e considerar o fato de que seus membros doentes, de um modo ou de outro, exigem *atenção*; podemos observar como a sociedade se torna colorida pelos agrupamentos de doenças que começam nos indivíduos; ou ainda, podemos examinar o modo pelo qual as famílias e as unidades sociais podem produzir indivíduos psiquiatricamente saudáveis, exceto quando elas, justamente as unidades a que eles pertencem, num certo momento os distorcem ou tornam incapazes.

Não é possível olhar de modo proveitoso para o estado clínico de um ser humano num único momento. É muito mais vantajoso estudar o desenvolvimento desse indivíduo em sua relação com o meio, e isso inclui um estudo da provisão ambiental e de seu efeito no desenvolvimento do indivíduo.

Pode-se examinar o estabelecimento de relações objetais do mesmo modo que a coexistência psicossomática e o tema mais amplo de integração. O processo maturacional impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade.

Os problemas do déficit de atenção como dificultador da aprendizagem pode ser visto como a consequência de um leque de situações vividas em família; pais inseguros quanto a colocar ou não, limites; relacionamentos tensos entre mãe e pai, excesso de zelo para reparar a culpa por ter que deixar a criança privada do contato com os pais que trabalham fora, crianças que passam a maior parte do tempo em frente da TV ou na rua com outras crianças, sofrendo todo tipo de influências prejudiciais à sua educação, pais autoritários ou muito liberais, falta de diálogo e bom exemplo no seio familiar, desconhecimento da importância dos relacionamentos dos primeiros anos de vida como base da formação da personalidade por parte dos pais. São estas crianças com histórias de vida, as mais variadas possíveis, que chegam a uma escola e encontram ali normas rígidas ou ausência de normas. Professores com uma série de limitações na sua formação humana e acadêmica, que passam a inteirar-se em sala de aula.

Percebe-se que mesmo buscando explicações diversas para a questão um ponto vem se tornando comum para todos: a relação que a mãe tem com a criança nos primeiros meses e anos de vida, segundo a Psicologia das relações objetais de Melanie Klein, base e fundamento sobre o qual se constituirão todos os traços da personalidade, da vida psíquica e afetiva do indivíduo que se manifestarão no decorrer de toda sua infância, adolescência, juventude e vida adulta, influenciando suas relações com o meio. Pois, a capacidade essencial de “dar e receber” desenvolveu-se no indivíduo de uma forma que assegura o seu próprio desenvolvimento, e contribui para o prazer, o bem estar ou a felicidade de outras pessoas.

O indivíduo age com relação a certas pessoas como seus pais se comportaram para com ele. Caso essas figuras parentais, que são preservadas em nossos sentimentos e em nossas mentes inconscientes, forem predominantemente rígidas, não poderemos estar em paz com nós mesmos. Odiamos em nós as figuras rígidas e intolerantes que também formam parte de nosso mundo interno, e que são em grande parte o resultado de nossa agressividade para com os nossos pais.

Citando Melanie Klein em seu livro “Amor, ódio e reparação”, pode-se concluir que:

(...) um bom relacionamento para com nós mesmos é condição para demonstrar amor, tolerância e bom senso para com os outros. Esse bom relacionamento para com nós mesmos decorreu em parte, conforme me esforcei por provar, de uma atitude amigável, afetuosa e compreensiva para com outras pessoas, em particular aquelas que no passado significaram muito para nós, e para com quem nosso relacionamento tornou-se parte de nossa mente e personalidade. Se, no mais profundo de nossos inconscientes, nos houvermos tornado capazes de remover até certo ponto os ressentimentos presentes em nossos sentimentos para com nossos pais, e os tivermos perdoado pelas frustrações que nos vimos obrigados a suportar, então haveremos de nos sentir em paz com nós mesmos e estaremos em condições de amar outras pessoas, no verdadeiro sentido da palavra. (KLEIN, 1975, p. 162)

Quando mãe e pai são suficientemente bons no desempenho dos cuidados maternos e paternos, mantendo uma relação harmoniosa entre si a criança pequena, acolhendo-a com amor e colocando os limites na hora certa estão propiciando um ambiente ideal à transição infantil da PEP (posição esquizoparanóide) para a PD (posição depressiva), pois com o crescimento da percepção da criança fá-la distinguir a mãe e colabora para sua visão de que a mãe que gratifica é também a mãe que frustra. Com isto ela lida com o fato de que sua violência atinge também o objeto que gratifica, origem do sentimento de culpa. A culpa deste, desenvolve-se um sentimento de cuidado e proteção para com o objeto que chamamos de sentimento de reparação. Então, a possibilidade de lidar com o objeto não mais como objeto parcial, mas como objeto total, desejo de reparação, culpa, tudo isto e muito mais, configuram, uma nova posição mental: é a “posição depressiva” que significa uma perspectiva de integração da mente, melhora no estabelecimento e manutenção das relações de objeto, sentimento emergente e crescente de amor, desenvolvimento de discriminação, base de formação do ego e estruturação de toda a sua personalidade que influenciará em todo o seu comportamento infantil, na adolescência e vida adulta.

Com a predominância dos elementos da posição depressiva, a maturidade chega com mais harmonia e a qualidade de vida do indivíduo é superior porque tem a possibilidade de internalização de um bom objeto, aumento da sensação de bondade e riquezas interiores, a auto-estima é incrementada, capacidade de formar ligações mais fortes e duradouras, desenvolvimento da criatividade e espontaneidade, ser mais otimista e realizador.

A projeção de sentimentos de amor, subjacente no processo de associação da libido ao objeto é uma pré-condição para encontrar um bom objeto. A introjeção de um bom objeto estimula a projeção de bons sentimentos e isso, por sua vez, fortalece, pela reintrojeção, o sentimento de posse de um bom objeto interno. À projeção do eu mau no objeto e no mundo externo corresponde a projeção de boas partes do eu, ou de todo o eu bom. A reintrojeção do bom objeto e bom eu reduz a ansiedade persecutória. Assim, a relação com o mundo interno e externo melhora simultaneamente, e o ego ganha em vigor e em integração.

Pode-se afirmar que, se esses processos forem bem sucedidos, está preenchida uma das pré-condições para o desenvolvimento normal. A interação da ansiedade e fatores físicos é um aspecto dos complexos processos de desenvolvimento envolvendo todas as emoções e fantasias do bebê, durante o primeiro ano de vida e até certo ponto, isso aplica-se à vida toda. E com certeza é fator decisivo na questão da conduta de indisciplina que a criança apresentará no ambiente familiar e escolar.

A agressividade inata tende a ser ativada pelas circunstâncias externas desfavoráveis e, inversamente, é mitigada pelo amor e compreensão que a criança recebe. O seu desenvolvimento e suas reações com o adulto devem ser considerados como resultantes da interação e influências externas e internas, o que aconteceu, durante nossas observações, crianças agressivas e que em suas casas vivem situações de violências, agressividade. O que nos leva a acreditar que esses fatores interferem no comportamento delas.

3 O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO LIBIDINAL DA CRIANÇA

Melanie Klein chama a atenção para as relações entre as inibições e dificuldades escolares da criança e o seu desenvolvimento libidinal.

A escola, apresenta-se para a criança, como uma realidade nova que pode ser sentida com certa persecutoriedade, e o modo como ela reagirá a esta realidade demonstrará a forma como se coloca em outras tarefas da sua vida cotidiana. Neste novo contexto a criança se depara com outros objetos e atividades nos quais deverá testar a mobilidade da sua libido.

As atividades escolares levam a criança a direcionar as suas energias libidinais instintivas, assim ocorrendo a sublimação das atividades genitais que influenciam significativamente o aprendizado de várias matérias, concluindo-se a partir deste fato, que tais matérias podem apresentar-se como “dificuldade para a criança” em decorrência do medo da castração a elas associado.

A partir da análise de vários casos com crianças Melanie Klein procura traçar o significado libidinal da ida para a escola, do professor, das atividades e da própria escola. Desta forma ela verifica que em alguns casos a

escola, o estrado, a carteira, a lousa e tudo aquilo onde se pode escrever, podem significar a mãe da criança; o professor “o pai”, o sentido fálico da caneta, do lápis, do giz e de tudo aquilo com que se pode escrever; assim a escola se apresenta recheada de significados sexuais simbólicos.

Para ilustrar a correlação entre a escola e o desenvolvimento libidinal da criança, Melanie Klein expõe vários casos, porém menciona-se aqui um caso onde ela relata o conflito de um menino que não conseguia se colocar na posição em pé quando era solicitado pelo professor:

“(…) O menino queixava-se de que, em todos esses anos, nunca conseguira superar a dificuldade de que sofria desde o início, em por-se de pé quando era chamado pelo professor da aula. Ligava isto ao fato de que as meninas se põem de pé de modo bem diferente e demonstrava a maneira diferente em que os meninos se levantam, por um movimento das mãos que indicava a zona genital e mostrava claramente a forma de um pênis ereto. O desejo de se comportar perante o professor da mesma maneira que as meninas, expressava sua atitude feminina para com o pai; a inibição associada ao ato de por-se de pé provou ser determinada pelo medo de castração. (...) A idéia que lhe ocorreu certa vez na escola, de que o professor, que se achava de pé diante dos alunos, com as costas apoiadas em sua carteira, iria cair, batendo o corpo sobre a carteira, quebrando-a e machucando-se, demonstrava o significado, do professor com pai, e da carteira com mãe e provocou a sua concepção sadística do coito.” (KLEIN, 1975, p. 169)

A atividade do desenho, por exemplo, pode significar a criação do objeto representado, e a incapacidade de desenhar, a impotência. No estágio anal de organização, poderia significar a produção sublimada da massa fecal, e no estágio genital, a produção da criança, onde poderia realizar a onipotência do seu pensamento. Destaca-se também a observação de que a medida que uma parte do complexo de castração se torna consciente e que a atitude feminina pode aparecer mais livremente, surgem fortes interesses artísticos e correlatos.

Assim as atividades escolares se constituem em canais por onde fluirão a libido proporcionando a sublimação dos instintos sob o primado dos genitais. É importante ressaltar, a partir desta ótica, que dificuldades nos estudos elementares (estas já advindas de inibições da mais tenra infância) podem alicerçar inibições posteriores, inclusive ao nível vocacional.

Ao proporcionar as pré-condições necessárias para a capacidade de sublimação que são dadas pelas fixações libidinais nas mais recuadas sublimações, que Melanie Klein coloca como sendo a palavra e o prazer nos jogos motores, pode-se estabelecer a base onde as atividades e os interesses do ego, a

partir da catexia libidinal, adquirem um significado sexual simbólico podendo realizar diferenciadas sublimações nos diferentes estágios de desenvolvimento. Ao remover-se as mais tenras inibições se poderá evitar que outras ocorram futuramente.

Melanie Klein ressalta o “medo da castração” como sendo a base comum de todas as inibições, desde as primeiras, pois que este têm uma determinante genital simbólica, isto é, um significado de coito. Ela relaciona as dificuldades que afetam o ato de aprender ao início da sexualidade infantil, que com o advento do complexo de Édipo faz emergir o medo da castração, período este compreendido entre os três e quatro anos de idade. A base principal para as dificuldades no estudo, tanto para meninas quanto para os meninos, adviriam do recalque subsequente dos componentes de atividade masculina. O componente feminino contribui para a sublimação através da receptividade e compreensão. E a sublimação da potência masculina se configura na direção e execução de atividades.

A atitude para com o professor também tem um peso em parte das inibições escolares. Os meninos, têm seu sentimento de culpa aumentado em relação ao professor, pois as lições e o esforço para aprender, significam inconscientemente o coito, e os levam a ter medo do professor como vingador. Já para as meninas o que é um fator marcante para a inibição é o complexo de castração, mas o professor do sexo masculino pode atuar como incentivo às atividades escolares.

Segundo a ótica de Melanie Klein o papel da escola é geralmente passivo, e que no tange ao desenvolvimento libidinal e completo da criança, esta poderia auxiliar no sentido de diminuir as inibições da criança através da atuação de professores mais compreensivos e atentos aos complexos da criança, que não assumam o papel de pai castrador, por exemplo.

Porém quando o recalque da atividade genital já estiver se estabelecido ao nível dos próprios interesses e ocupações, o professor poderá diminuir ou aumentar o conflito da criança, mas não a afetará em relação às suas realizações. Neste caso os complexos da criança já estão formados e fundamentados no tipo de relação que ela tem com o pai, o que vai determinar o seu comportamento com a escola e com o professor.

Ressalta-se, então, que nos casos de inibições mais profundamente arraigadas, a análise se configura num instrumento capaz de removê-las num espaço de tempo relativamente menor que o trabalho essencialmente pedagógico, substituindo-as pelo prazer de aprender. Sendo favorável, segundo Melanie Klein, a análise precoce no sentido de remover as inibições que se apresentem na criança, para que então o trabalho escolar pudesse se iniciar com maior eficiência e menos ataques aos complexos infantis.

4 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

Para um aluno ser bem sucedido no sistema escolar, ele precisa estar bem motivado, tanto para permanecer no sistema, como realizar satisfatoriamente todas as tarefas exigidas. Considera-se que o sucesso dos filhos no sistema educacional decorre, entre outras coisas, da motivação que as famílias conseguiram despertar nos filhos em relação à instituição.

Tem-se notado que a participação dos pais ou responsáveis na vida escolar é fator fundamental para que a aprendizagem ocorra. Quando a família está tranqüila e a rotina de casa está equilibrada o aluno apresenta maiores oportunidades para um bom aprendizado.

A família e a escola precisam ter objetivos comuns em relação a valores, disciplina e convívio social. Ambiente adequado não só no espaço físico, mas na harmonia e serenidade do lar e da escola. O aluno não pode se sentir abandonado, inseguro, ele precisa de orientação, de estímulo e principalmente de exemplos de responsabilidade e respeito. Para WINNICOTT (1971, p. 211) a saúde do país depende de unidades familiares sadias, com pais que sejam indivíduos emocionalmente maduros.

Boa parte dos problemas com os quais esbarramos: lentidão de raciocínio, falta de atenção, desinteresse, entre outros, encontram as suas origens na estrutura biológica, sobretudo quando exposta ao meio ambiente. (POLITY, 1998, p. 123).

Na escola a condição básica e necessária para a aprendizagem é a integridade moral e o estabelecimento da interação professor x aluno, onde fatores afetivos e cognitivos exerçam influências decisivas na busca de realizações e de desejos, onde construir-se-ão imagens do centro, confirmando-lhes determinadas características, intenções e significados. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.84).

Os alunos com dificuldades de aprendizagem acabam sendo rotulados, sofrendo punições devido ao seu fracasso escolar. Estes são tidos como falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça e distração. Com isto os pais e professores não respeitam estas dificuldades e o aluno em seu permanente estado de tensão não consegue prestar atenção e participar das aulas. (MORAIS, 1997, p. 53).

A problemática emocional deve ser considerada como fator decisivo na adaptação e rendimento escolar podendo trazer sérias conseqüências ao desenvolvimento e progresso emocional da criança. A escola deve oferecer condições e estabilidade emocional e, através do diagnóstico precoce, dos encaminhamentos adequados, da programação adequada, das atividades escolares e da preparação do professor, atender a esses casos, prontamente, poupando assim a criança e a sociedade do agravamento dessas situações. (NOVAES, 1970, p.161).

A família é suporte fundamental para o bom desempenho escolar. Pode-se dizer que o clima familiar influencia no desempenho escolar e traz prejuízos ao rendimento escolar.

Se a família não dá à criança a base emocional firme, o que fazer?

É importante ensinar a criança a identificar os sentimentos e lidar melhor com eles e mostrar que se pode mudar a vida, aprender a contestar o padrão de pensamento associado à depressão e à agressão, criando uma vacina psicológica.

As crianças que se evadem da escola, em geral, são as mais rejeitadas. Estas crianças precisam ser estimuladas ao relacionamento, a responder adequadamente aos sentimentos do outro e a controlar tensão e ansiedade, compreendendo qual é o comportamento aceitável em determinada situação.

É preciso aprender a lidar com a ira e a tristeza, a respeitar as diferenças de modo a encarar as coisas difíceis, aprender a perguntar, a negociar, a ser mais assertivo. É importante somar aos conteúdos de hoje as lições sobre sentimentos e relacionamentos. O primeiro passo é aprender a nomear a emoção, ver suas expressões faciais, corporais. É essencial ensinar ao professor, ampliar a sua visão sobre as questões emocionais, desenvolvendo: autodisciplina, vida virtuosa, capacidade de motivar-se, de enfrentar pressões e resolver conflitos.

Por tudo isso a escola tem o compromisso moral e ético de se preocupar com o desenvolvimento dos alunos, reinventando as aulas e proporcionando a sintonia do conteúdo à capacidade de aprender. Considera-se muito importante que a família e a escola estabeleçam um vínculo para tentar mudanças em relação a falta de atenção, no sentido de ajudar o aluno a evitar maiores dificuldades, crises e *stress*.

5 INTERFERÊNCIAS DOS PROBLEMAS FAMILIARES X APRENDIZAGEM

Problemas familiares tendem a provocar baixo rendimento escolar no aluno, como produto de ansiedade, medo de voltar para casa e enfrentar os problemas do cotidiano, gerando conflitos e dificuldades para o educando em se concentrar. É como se não conseguisse esquecer nem por um instante o que ocorre em casa.

Um sistema familiar disfuncional não permite ao aluno a maturidade necessária para conseguir um bom desempenho acadêmico.

AUDREY SOUZA (1995, p. 58) considera que a inibição intelectual estaria na base da dificuldade de aprendizagem *“Fatores da vida psíquica da criança, que podem atrapalhar o bom desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que as atitudes parentais influenciam sobremaneira a relação da criança com o conhecimento”*.

Ressalta-se que entre os vários fatores que influenciam o aspecto emocional da criança tem-se: alcoolismo; família numerosa sem condições mínimas estruturais; brigas freqüentes em casa; abandono; trabalho infantil, etc. A convivência com um ou mais destes fatores acarreta na impossibilidade do aluno concentrar-se nas aulas visto que a sua atenção se volta para a tentativa de resolução dos problemas familiares, que ele julga insolúveis na maioria das vezes. Existe um certo conformismo misturado à angústia quando o aluno consegue expôr o problema que lhe aflige.

Deve-se compreender que a família está envolvida em diversos problemas oriundos das pressões sócio-econômicas, das dificuldades de habitação, alimentação e trabalho, sem tranquilidade para assimilar e analisar os estímulos externos integrando-os à sua dinâmica familiar.

A influência do ambiente familiar é decisiva para o ajustamento emocional e, muitas vezes, o grupo familiar não oferece condições de estabilidade e de segurança emocional para o desenvolvimento normal de seus filhos.

Grande incidência de conflitos emocionais que se exteriorizavam por ansiedade, sentimentos de inferioridade, de insegurança, depressão, medo, negativismo e incapacidade de estabelecer relações afetivas, coincidia com o grande número de famílias desintegradas, desunidas, de pais ausentes, incompreensivos, imaturos, neuróticos, dominadores, desajustados, que não podiam dar compreensão, amor e apoio aos filhos.

Não há uma causa única para o fracasso escolar, mas sim uma conjunção de fatores que interagem, uns sobre os outros, que imobilizam o desenvolvimento do sujeito e do sistema familiar, num determinado momento.

O indivíduo ao ingressar na escola já teve experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir a esse novo ambiente. Há alunos com dificuldades de adaptação e rendimento insatisfatório nos estudos por estarem comprometidos por ansiedades e tensões psíquicas.

A problemática emocional, ligada a situação conflitiva, absorve a disponibilidade perceptiva e reacional do indivíduo à estimulação externa, dificultando a sua integração ao ambiente e perturbação não só a sua capacidade de atenção, de concentração, de raciocínio, mas sobretudo, a de relacionamento. Assim sendo, as dificuldades de assimilação na aprendizagem escolar podem estar ligadas a fixações emocionais. (NOVAES, 1970, p. 145).

Geralmente crianças com problemas emocionais adotam atitudes agressivas, de inibição, de constrição, de regressão, de isolamento, de hostilidade, de oposição, de indiferença, de indisciplina, de exibicionismo, de dissimulação, de sensibilidade e emotividade excessivas, sendo freqüentes os problemas de mentira, de furto e de natureza sexual.

A filósofa e mestra em educação, Tânia Zagury tem feito inúmeras palestras sobre o relacionamento entre pais-filhos. Em seu livro, "Educar sem culpa - a gênese da ética", (ZAGURY, 2000), ela relata o resultado das dúvidas e incertezas de muitos pais. Para ela, os pais devem compreender que mais importante que satisfazer os desejos da criança é ensinar princípios éticos, como honestidade, solidariedade e respeito mútuo. Princípios estes que são fundamentais para o bom relacionamento social na adolescência e vida adulta. "Sem padecer no paraíso - em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos" (ZAGURY, 2000), é outro livro de Tânia Zagury, em que ela discute os principais problemas que envolvem a educação dos filhos, na sociedade moderna, quando toda uma geração de pais foi influenciada por uma visão excessivamente psicologizante. As ambigüidades, as diferenças entre as regras estabelecidas pelos teóricos são debatidos e criticadas a tirania de alguns especialistas que contribuíram para a disseminação de um dos maiores males da educação - o chamado "psicologismo". A autora alerta para a necessidade de os pais serem críticos nas orientações e conhecimentos adquiridos sobre a educação dos filhos e chama a atenção sobre os limites e a necessidade de autoridade por parte dos pais, a importância de se construir um relação baseada na autenticidade e na democracia, tanto para as crianças quanto para seus pais.

Numa situação conflitiva familiar, o indivíduo não consegue adaptar-se ao ambiente escolar e destaca-se a situação na qual a própria escola desencadeia a problemática do aluno, não oferecendo clima de segurança e de liberdade satisfatório, pelo contrário, de tensão excessiva, transformando-se numa agência social deseducadora e perturbadora.

ANNA FREUD (1971, p.162), considera que as normas escolares prestam pouca ou nenhuma atenção às diferenças individuais.

O aluno deve sentir-se desafiado e envolvido no processo a todo instante. A capacidade de empatia entre professor e aluno é o segredo do sucesso no relacionamento entre ambos. A auto-estima é um ponto também fundamental para um comportamento bem integrado.

Um sistema educacional totalmente falido como no caso do Brasil unido às características pessoais de cada aluno, as características relacionais, as limitações do professor e toda influência do comportamento social trazido para dentro da sala de aula interferem na aprendizagem como um todo. Pais e professores devem estar atentos para educar desde os primeiros dias de vida para a disciplina que não submete, mas dignifica o ser humano, tendo como base o exemplo e o diálogo.

É preciso que a escola e o corpo docente ampliem sua consciência a respeito da responsabilidade que têm em relação ao futuro dos seus alunos, e além disso, que possam perceber a importância do bem estar psicológico como uma situação fundamental para a aprendizagem satisfatória. A escola pode e deve propiciar ao aluno uma certa segurança emocional, onde pelo menos ele possa vivenciar vínculos mais saudáveis com seus professores e colegas.

Espera-se que, no mínimo, “tenham uma visão positiva da vida e sentido de humor: que sejam capazes de apreciar o valor de uma boa risada para eliminar pequenos ressentimentos e aborrecimentos que prejudicam o crescimento do aluno”. (MOULY, 1979, p. 134).

É urgente a necessidade de uma nova escola, desenhada para a mente e o coração, que ensina autocontrole; empatia; a arte de ouvir, de resolver conflitos, de cooperar.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A população estudada é uma amostra composta por 30 crianças que foram selecionados de um total de 170 crianças do C.M.E.I., o que corresponde à 17,64% do corpo discente. Esta população foi encaminhada com frequência à Direção com queixas relacionadas à falta de atenção, de interesse, rebeldia ou apatia durante as aulas. Observou-se, também que estas crianças dificilmente realizavam as atividades e apresentavam auto-estima muito baixa, demonstrando sempre o semblante pálido, manifestavam um pedido de “socorro”, como se estivessem numa situação de perigo. Muitas vezes apresentavam algum tipo de somatização, como dores de cabeça ou de estômago, com a finalidade de se ausentarem das aulas em busca de apoio e ajuda da Direção. Tais comportamentos oscilavam no dia-a-dia, dificultando o processo de aprendizagem.

A partir do quadro descrito acima, partiu-se para uma fase de coleta de informações, com a finalidade de sondar e elucidar a origem de tais comportamentos, utilizando-se o instrumento de entrevista com os pais, crianças e

professoras onde lhes foram propostas as questões indicadas no Roteiro de Entrevista com os Alunos, pais e professores - ANEXO 1 e ANEXO 2.

Em análise ao anexo 2 podemos observar que 87% das professoras tem mais de 4 anos de magistério e 67% estão cursando o 3º grau, além de estarem sempre se atualizando.

Optaram por ensino infantil por ser gratificante, por gostar e poder ver o desenvolvimento da criança mais rapidamente.

Para as professoras, as crianças aprendem com o lúdico e acreditam que quanto maior a criatividade do professor melhor o desempenho das crianças.

Entre as dificuldades, todas são unânimes em apresentar a falta de atenção das crianças e a dificuldade de ficarem muito tempo com uma atividade.

O perfil da população estudada pode ser visualizado no ANEXO 3 - Perfil dos Alunos Entrevistados - onde se verifica que 50% dos alunos são do sexo feminino e 50% do sexo masculino, ou seja, 15 indivíduos para cada sexo. Quanto à idade, estão distribuídos, como se pode observar no referido anexo no gráfico 1 - Distribuição por Sexo e Idade da População Estudada - que a faixa etária é de 4 meses a 7 anos, sendo que a maioria se situa na idade de 6 anos (subtotal de doze alunos) e de 7 anos (subtotal de sete alunos). Segundo o ANEXO 3.1, a análise do gráfico 2 - Distribuição dos Alunos por Série - verifica-se que 40% dos alunos encontravam-se no pré II (subtotal de doze alunos), 20% encontravam-se no pré I (subtotal de seis alunos), 23% encontravam-se na 1ª série (subtotal de sete alunos) e 16% encontravam-se no maternal (subtotal de cinco alunos). Ou seja, nesta amostra a maior quantidade de indivíduos que apresentaram dificuldade estava no pré II e 1ª série do Ensino Infantil e fundamental.

Outro aspecto importante analisado foram as diferentes formas de estruturas familiares encontradas na amostra estudada. A estrutura familiar predominante na amostra foi a configuração Pai/Mãe/Irmãos que se verificou em 64% dos casos. Em seguida apareceu a configuração Mãe/Irmãos em 11% dos casos e Pai/Madrasta/Irmãos com 4% dos casos. Os outros tipos de configuração apareceram com o percentual de 3% cada uma como se pode observar no ANEXO 4, gráfico 4.

Em relação à religião predominante na população estudada verificou-se uma grande diversidade de crenças nas famílias que moram em um bairro de classe baixa com aproximadamente 4.000 habitantes. O ANEXO 5, gráfico 3, demonstra que 34% dos alunos têm orientação Católica, 17% da Congregação Cristã, 17% da Assembléia de Deus, 13% da Igreja Evangélica, 7% da Adventista, e 3% para cada uma das seguintes: Testemunha de Jeová, Quadrangular, Presbiteriana Renovada e Luterana. Pela entrevista concedida podemos perceber que a mudança de religião é freqüente e mesmo sendo criança, algumas demonstram atitudes pouco comuns de quem tem ensinamento religioso. Uma das

crianças, ((LSS)), em sala de aula diz claramente que não acredita em Deus e ainda assusta as outras crianças falando que o diabo está embaixo da mesinha, e ao perguntar se ele vai à igreja, ele diz que sim.

Observou-se a ocorrência de 10 alunos que convivem diariamente com o problema que o alcoolismo provoca em casa. Registrou-se: 6 com o pai, 1 com o tio, 1 com a mãe, 1 com o irmão, e 1 das crianças convive com o drama do tio alcoólatra e usuário de drogas. O aluno GPC (4 anos) convive com a mãe e sua irmão de 25 anos. Quando a mãe bebe ele tem que ficar na casa da irmã. A irmã nos relatou que já teve vez da mãe chegar alcoolizada e levou um homem (totalmente desconhecido) junto, e manteve relações sexuais, com o menino presenciando tudo.

Os problemas com doenças em casa agravam a situação doméstica, emocional e financeira, conforme se pode observar no ANEXO 6.1, gráfico 6: 1 tem um irmão deficiente mental, 1 tem a mãe com problemas no sistema nervoso, 1 tem o avô com reumatismo, 1 tem o avô cego e irmão com problema sério de visão, 1 tem irmão com problemas cardíacos, 1 tem a mãe com problemas cardíacos, 1 aluno com problemas sérios de fígado e 1 tem o pai cego e diabético e faz hemodiálise.

O espancamento de uma criança, o MHC (5 anos) e seus irmãos, APC (4anos) e um bebe (11 meses), foi terrível. Os três irmãos chegaram ao C.M.E.I. com hematomas no rosto, no bumbum e nas costas e quando fomos investigar, chegamos a autora que é a irmã mais velha, que não frequenta o C.M.E.I., mas ela é espancada pela mãe e para “se vingar”, espanca os irmãos no caminho de sua casa até o C.M.E.I.

Outras situações descritas são também indicadas no ANEXO 6.2, gráfico 7, onde observou-se que: 4 alunos participam diariamente de brigas entre os pais, 4 alunos convivem com a situação do pai que agride fisicamente a mãe, 1 convive com o drama do pai preso por roubo e 1 que mora com os avós e tem um tio que está preso. Nos dois últimos casos as crianças visitam os parentes no local de reclusão dos presos.

Algumas mães relataram que o pai é autoritário, que não há diálogo em casa e que a criança sente muito medo da figura paterna.

Na aplicação do questionário (ANEXO 1), observou-se que os alunos em questão demonstraram gostar do C.M.E.I. são freqüentes às aulas, e depois que retornam da escola ajudam em casa, ou brincam com os amigos ou irmãos ou assistem TV. Há um deles que mora só com o pai e ao chegar em casa ele tem que dar conta de todo trabalho doméstico e ele tem apenas 5 anos.

Percebeu-se que os alunos entrevistados não têm motivação e o que fazem não é valorizado. Algumas famílias incentiva para os estudos, e as mães consideram importante estudar e dizem que só assim poderão ter um futuro melhor,

mas há aquelas famílias que deixam seus filhos no C.M.E.I. porque não dão conta em casa e não fazem questão alguma de ficar com eles quando podem.

Quanto às casas onde moram, a maioria reside numa casa considerada pequena. Somente um dos alunos tem um quarto para si, os outros dividem com irmãos, ou avós. Há famílias que dormem todos no mesmo quarto e um dos alunos dorme todos os dias no sofá da sala.

Percebeu-se a falta de diálogo entre os membros das famílias e a mãe de uma criança disse que há briga e muitos palavrões.

Na entrevista realizada ficou clara a desestrutura e a falta de harmonia nas famílias dos alunos e não só na estrutura tradicional conhecida como “família nuclear”, que os problemas emocionais existem. Dos 30 alunos entrevistados, 19 pertencem a família nuclear e apresentam problemas iguais ou até mais graves dos existentes nas diferentes configurações familiares.

Na instituição familiar, seja ela qual for, é a ligação emocional entre as pessoas que os tornam mais felizes e saudáveis.

As perturbações no ambiente familiar interferem no comportamento do indivíduo. Existe um processo duplo entre o lar e a escola: as tensões que são geradas num ambiente se manifestam como perturbações no comportamento do outro. (WINNICOTT, 1971, p. 223).

Através de orientações ao professor, com atividades diferenciadas, houve uma melhora nas crianças com problemas de indisciplinas e aprendizagem. Os pais foram orientados.

Acredita-se resgatar o papel da família e seus valores para que o aluno sinta-se amparado. A “autoridade” paterna e materna participativa se faz necessária na criação e educação, na orientação e aquisição de bons hábitos influentes na projeção social das pessoas.

Ao desenvolver nosso projeto pudemos estar em contato direto com os pais e com as problemáticas e crescemos como ser humano ao deparar com tantas tristezas e angústias sofridas pelas crianças.

A emoção permeia todos os aspectos da vida diária do ser e também interfere na aprendizagem, fazendo-se necessário um conhecimento de suas causas e conseqüências, para assim poder assistir o aluno em seu trabalho escolar. A estabilidade no ambiente familiar proporciona ao indivíduo segurança e independência. A participação da família no cotidiano escolar é de suma importância para a aprendizagem.

7 CONCLUSÃO

De um lado encontra-se o aluno desorientado, com um olhar perdido, às vezes agride até mesmo “a própria sombra”, num sinal de revolta e alerta à condição familiar em que está inserido. A família se omite às responsabilidades, deixou de ser o centro de tudo e de todos, num mundo consumista e egoísta. Deixou de ser o melhor lugar em que o indivíduo pudesse retornar.

A família está num processo de constantes mudanças, tem a função biológica e reprodutiva, e em sua dimensão afetiva os filhos sofrem, tendo que conviver com a falta de orientação dos pais, ausência da mãe no lar, estando a família cada vez mais isolada na sociedade.

Na pesquisa realizada verificou-se que há um ponto comum a todas as crianças, ou seja, a falta de estrutura na família, e os problemas encontrados foram os mais diversos: convivência com o alcoolismo; pai que bate na mãe; ausência do pai ou da mãe, ou de ambos, por separação; questões de fanatismos religiosos; problemas de saúde em casa. Pôde-se observar que os problemas emocionais interferem na aprendizagem e indisciplina.

Esta amostragem reflete apenas uma parte do que se tem encontrado nas escolas. O fracasso escolar está aliado à falta de atenção e à dificuldade que uma criança o abalado pelos acontecimentos diários, tem em se concentrar e muitas vezes o professor em sala de aula não é capaz de ser solidário e perceber que o aluno tem problemas, encaminham à direção e muitas vezes esbravejam na frente do aluno taxando o mesmo de preguiçoso ou desinteressado. O corpo docente carece, muitas vezes, de sensibilidade e tato na relação com o aluno, precisando desenvolver a sua capacidade de ouvir e ser afetivo. Afeto e atenção, na maioria das vezes, pode ser o “remédio” que o aluno precisa para poder esquecer por um instante o seu drama familiar e seguir em frente, abrindo perspectivas de uma vida melhor.

A falta de atenção na escola é um grande desafio, e para vencê-lo é necessário unir forças para amenizar um problema constante nas salas de aula. É fato que uma criança desamparada afetivamente vai apresentar reflexos comportamentais em algum lugar, em algum tempo, e na maioria dos casos isto ocorrerá no contexto escolar. Quando os sintomas apontam sofrimento no aluno, isto mostra que ele está precisando de atenção individual. (WINNICOTT, 1993, p.102).

A escola e os professores devem investir na formação e auto-formação de profissionais competentes e solidários, capazes de amenizar ou solucionar os problemas da falta de atenção. Sabe-se da dificuldade em se mudar a estrutura familiar, mas muito se pode conseguir se o aluno puder sentir que na escola encontra um ambiente saudável e atencioso.

As crianças não podem se sentir abandonadas, elas precisam de exemplos e sobretudo de afeto para a construção de uma vida melhor.

Por outro lado encontra-se a escola, tentando cumprir a sua função (orientar na construção do conhecimento), mas todas as vezes que o professor se depara com um aluno que está precisando de ajuda no aspecto emocional, encontra-se a falta de conhecimento sobre isso. Consideram mais fácil atribuir que o aluno “não tem jeito”, “...é da família tal”, A participação em cursos de atualização e aperfeiçoamento se torna difícil por falta de dinheiro ou tempo.

É imprescindível que a família e a escola deixem de ficar se culpando mutuamente e passem a refletir sobre sua função vital no desenvolvimento de indivíduos inteiros, adaptados ao ambiente, realizados e capazes de utilizar suas potencialidades de forma construtiva para a sociedade e, conseqüentemente, para o fortalecimento da família e da escola como instituições estruturadas e em permanente evolução.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PAIS E CRIANÇAS

1 - DADOS PESSOAIS

1.1 NOME:

1.2 DATA DE NASCIMENTO:

1.3 SEXO:

1.4 RELIGIÃO:

2 - Você gosta do C.M.E.I.?

3 – A criança mora muito longe do C.M.E.I.? A que horas levanta para vir ao C.M.E.I.?

4 - Em casa, a criança tem horário para brincar ? Alguém brinca com ela ? Quem?

5 - Quais as atividades que a criança faz em casa?

6 - Quem trabalha na família? Quem sustenta a casa?

7 – A criança mora com os pais? Se não, por quê?

8 - Quantas pessoas moram em casa? (Indicar o grau de parentesco)

9 - Como é a casa onde a criança mora?

10 - Como é o relacionamento das pessoas que moram com você? (Tem brigas em casa? As pessoas conversam uma com as outras? A criança apanha?)

11- Na família tem alguém com problemas de saúde? Tem alcoólatra? Ou usuário de drogas?

12 - Quando você está no C.M.E.I., fica pensando no que está acontecendo em casa?

13 –Em casa com quem você gosta de ficar?

OBS. – As questões 12 e 13 foi feita somente com a criança.

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

1- Nome

2- Quanto tempo você tem de magistério?

3- Porque sua opção de trabalhar, dar aula no ensino infantil?

4- Qual sua formação básica?

5- Fez outros cursos?

6- Na sua prática, como você acha que a criança aprende?

7- Que dificuldade de aprendizagem seus alunos apresentam?

8- Você tem alunos com problemas de comportamento (sendo este extrovertido ou introvertido)?

9- O que você faz com os alunos que não estão aprendendo e que apresentam problemas de indisciplina, para melhoras a situação deles?

10- E o C.M.E.I., o que faz?

11-Como você avalia seus alunos?

ANEXO 3 - PERFIL DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE DA POPULAÇÃO ESTUDADA

SEXO	IDADE (anos)						
	04	05	06	07			
Masculino	3	3	6	3			
Feminino	2	3	6	4			
Sub-total	5	6	12	7			
Total						30	alunos

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E IDADE DA POPULAÇÃO ESTUDADA

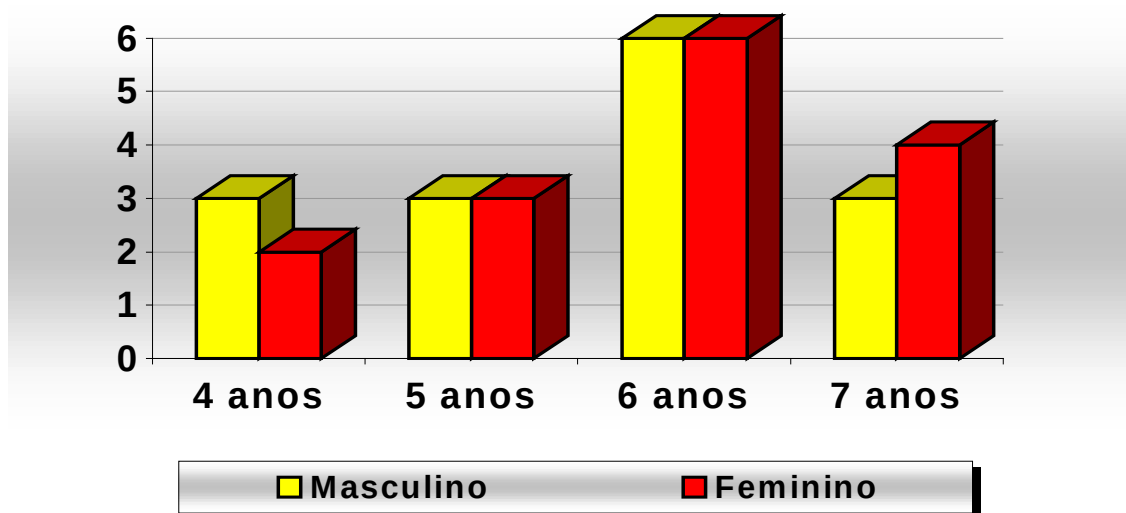


GRÁFICO 1 – Distribuição por Sexo e Idade da População Estudada

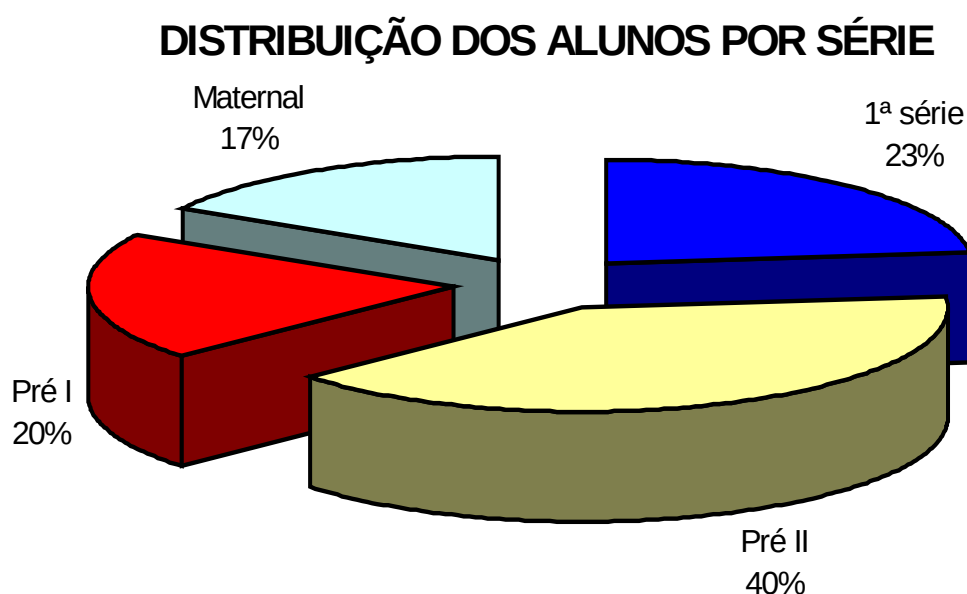
ANEXO 3.1 - PERFIL DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR SÉRIE

SÉRIE	ALUNOS
-------	--------

1ª série	7
Pré II	12
Pré I	6
Maternal	5
TOTAL	30

GRÁFICO 2 – Distribuição dos Alunos por Série



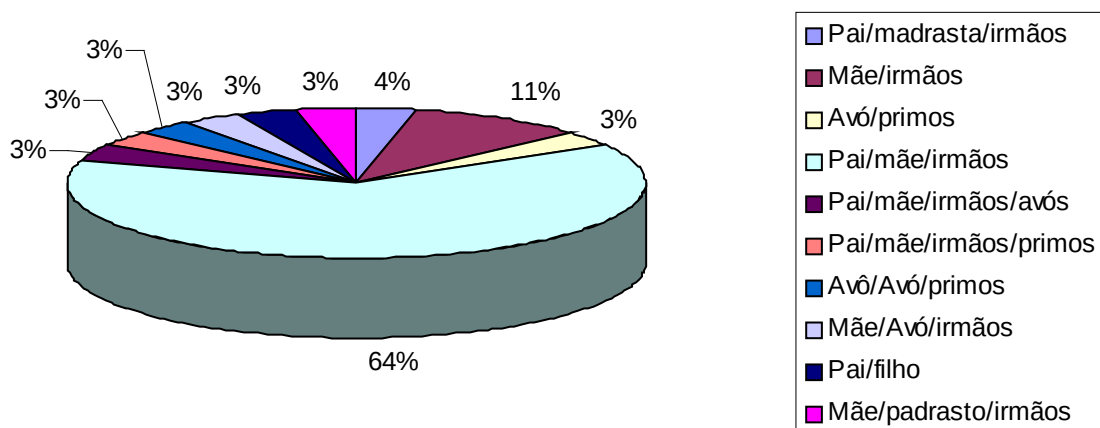
ANEXO 4 - ESTRUTURA FAMILIAR

TABELA 3 - ESTRUTURA FAMILIAR (COM QUEM O ALUNO MORA)

ESTRUTURA FAMILIAR	Nº ALUNOS	PERCENTUAL %
Pai/madrasta/irmãos	1	4
Mãe/irmãos	3	11
Avó/primos	1	3
Pai/mãe/irmãos	19	64
Pai/mãe/irmãos/avós	1	3
Pai/mãe/irmãos/primos	1	3
Avô/Avó/primos	1	3
Mãe/Avó/irmãos	1	3
Pai/filho	1	3
Mãe/padrasto/irmãos	1	3
TOTAL	30	100

GRÁFICO 3 - Com Quem o Aluno Mora

COM QUEM O ALUNO MORA



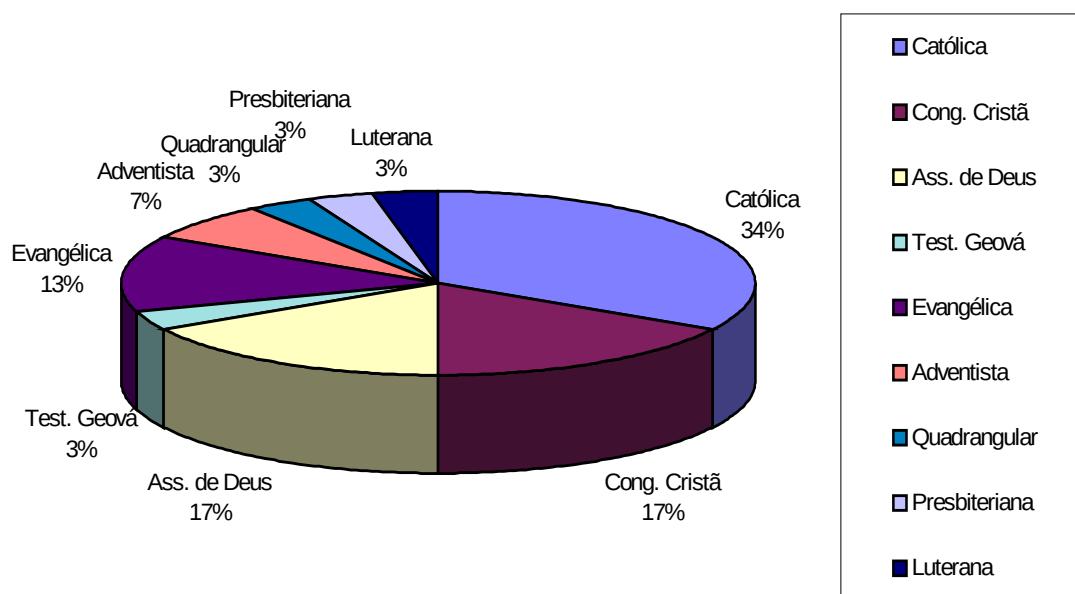
ANEXO 5 - RELIGIÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO À RELIGIÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA

RELIGIÃO	Nº ALUNOS	PERCENTUAL %
Católica	10	34
Congregação Cristã	5	17
Assembléia de Deus	5	17
Evangélica	4	13
Adventista	2	7
Testemunha de Jeová	1	3
Quadrangular	1	3
Presbiteriana Renovada	1	3
Luterana	1	3
TOTAL	30	100

GRÁFICO 4 – Distribuição Segundo à Religião da População Estudade

DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO À RELIGIÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA



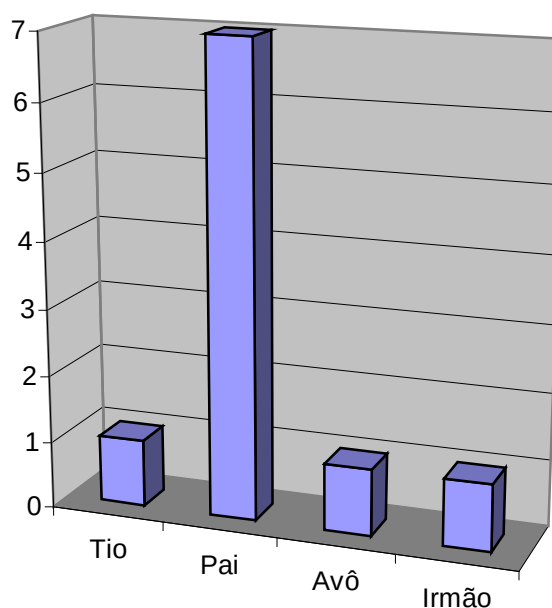
ANEXO 6 - CONVIVÊNCIA DIÁRIA COM PROBLEMAS NO LAR

TABELA 5 - CONVIVÊNCIA COM ALCOOLISMO E DROGAS

MEMBRO DA FAMÍLIA	Nº DE ALUNOS
Tio	1
Pai	7
Avô	1
Irmão	1
Total	10

GRÁFICO 5 – Alcoolismo / Drogas

ALCOOLISMO / DROGAS

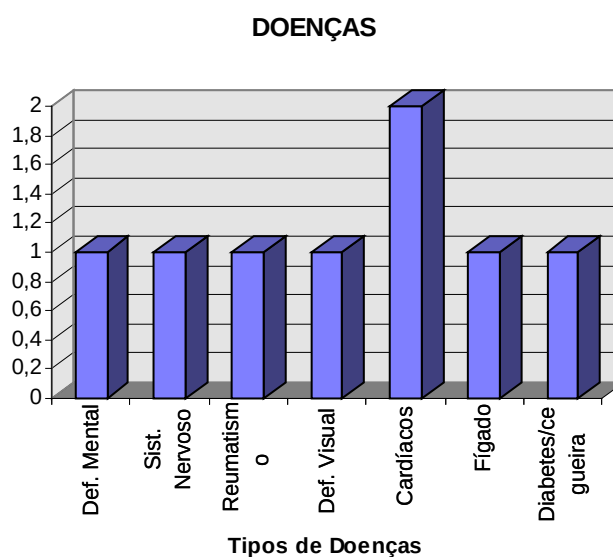


ANEXO 6.1 - CONVIVÊNCIA DIÁRIA COM PROBLEMAS NO LAR

TABELA 6 - CONVIVÊNCIA COM DOENÇAS

TIPO DE DOENÇA	MEMBRO DA FAMÍLIA	Nº DE ALUNOS
Deficiência mental	Irmão	1
Sistema nervoso	Mãe	1
Reumatismo	Avô	1
Deficiência visual	Avô e irmão	1
Cardíacos	Irmão / Mãe	2
Fígado	Próprio aluno	1
Diabetes/Cegueira	Pai	1
Total		08

GRÁFICO 6 - Doenças

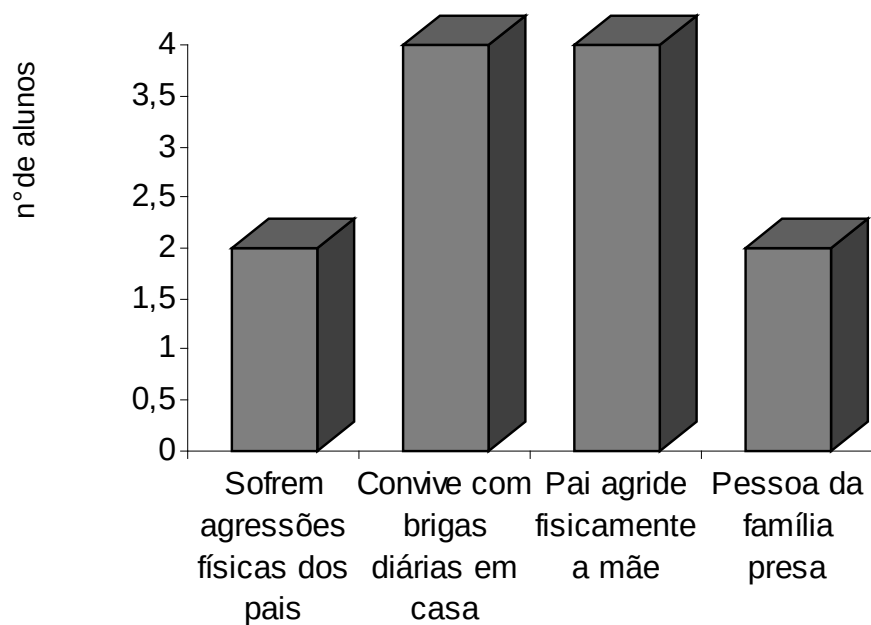


ANEXO 6.2 - CONVIVÊNCIA DIÁRIA COM PROBLEMAS NO LAR
TABELA 7 - OUTROS PROBLEMAS RELATADOS

PROBLEMAS	Nº DE ALUNOS
Sofrem agressões físicas dos pais	2
Convive com brigas diárias em casa	4
Pai agride fisicamente a mãe	4
Pessoa da família presa	2
Total	12

GRÁFICO 7 – Outros Problemas Relatados

OUTROS PROBLEMAS RELATADOS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, André. **Família**. Minas Gerais: Editora Lê, 1987.
- CASEY, James. **A história da família**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- COLLANGE, Christiane. **Defina uma família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: McGrawhill, 1983.
- DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- FREUD, Anna. **Infância normal e patológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1995.
- KLEIN, Melanie. **Amor, ódio e reparação: as emoções básicas do homem, do ponto de vista psicanalítico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- MEDINA, Carlos Alberto. **Família e mudança**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- MENGOZZI, Frederico. Família e escola uma relação de parceria. **Revista Família Cristã**, São Paulo, 770, 04/08/2000.
- MORAIS, Antonio Manoel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1997.
- MOULY, George J. **Psicologia educacional**. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1979.
- NISKIER, A . A importância da comunidade no processo educacional. **Revista Família Cristã**, São Paulo, 770, 16/08/2000.
- NOVAES, Maria Helena. **Psicologia escolar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- POLITY, E. **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico - terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem**. São Paulo: Empório do Livro, 1998.
- PRADO, Danda. **O que é família ?** Brasília: Editora Brasiliense, 1991.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- RIZZO, Sérgio. E a família como vai ? **Revista Educação**, São Paulo, 230: 32-38, junho-2000.
- SOUZA, A . **Pensando a inibição intelectual**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1995.
- TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. 1ª ed. São Paulo: Gente, 1996.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para a apresentação de trabalhos**. 6 ed. v. 2,6,7,8.
- WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1971.
- ZAGURY, Tânia. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. **Sem padecer no paraíso - em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.